INTRODUÇÃO AO ANTIGO TESTAMENTO

O MUNDO E A PALAVRA

Eugene H. MERRILL | *Mark F.* ROOKER | *Michael A.* GRISANTI

VIDA NOVA

SUMÁRIO

Reduções gráficas 11
Prefácio 17
Agradecimentos 19
Lista de tabelas e figuras 21

INTRODUÇÃO 23

PARTE 1: O MUNDO DO ANTIGO TESTAMENTO 39

Capítulo 1: O contexto histórico do Antigo Testamento 45
Capítulo 2: O contexto cultural do Antigo Testamento 78
Capítulo 3: A literatura do Antigo Oriente Próximo e o Antigo Testamento ... 96

PARTE 2: O TEXTO DO ANTIGO TESTAMENTO 123

Capítulo 4: A composição do Antigo Testamento 132
Capítulo 5: A canonicidade do Antigo Testamento 152
Capítulo 6: A transmissão e a crítica textual do Antigo Testamento 173

PARTE 3: ESTRATÉGIAS DE ESTUDO DO ANTIGO TESTAMENTO 195

Capítulo 7: O desenvolvimento do método histórico-crítico 203
Capítulo 8: O estado atual dos estudos acadêmicos do Antigo Testamento .. 233

PARTE 4: O PENTATEUCO 253

Capítulo 9: O livro de Gênesis 263
Capítulo 10: O livro de Êxodo 292
Capítulo 11: O livro de Levítico 332

Capítulo 12: O livro de Números 354
Capítulo 13: O livro de Deuteronômio 382

PARTE 5: OS LIVROS HISTÓRICOS 409

Capítulo 14: O livro de Josué 416
Capítulo 15: O livro de Juízes 434
Capítulo 16: O livro de Rute 451
Capítulo 17: Os livros de 1 e 2Samuel 462
Capítulo 18: Os livros de 1 e 2Reis 479
Capítulo 19: Os livros de 1 e 2Crônicas 496
Capítulo 20: O livro de Esdras—Neemias 515
Capítulo 21: O livro de Ester 532

PARTE 6: OS LIVROS PROFÉTICOS 543

Capítulo 22: O livro de Isaías 551
Capítulo 23: O livro de Jeremias 569
Capítulo 24: O livro de Ezequiel 588
Capítulo 25: O livro de Daniel 604
Capítulo 26: O livro de Oseias 618
Capítulo 27: O livro de Joel 631
Capítulo 28: O livro de Amós 641
Capítulo 29: O livro de Obadias 654
Capítulo 30: O livro de Jonas 663
Capítulo 31: O livro de Miqueias 674
Capítulo 32: O livro de Naum 683
Capítulo 33: O livro de Habacuque 692
Capítulo 34: O livro de Sofonias 702
Capítulo 35: O livro de Ageu 710
Capítulo 36: O livro de Zacarias 717
Capítulo 37: O livro de Malaquias 728

PARTE 7: OS LIVROS POÉTICOS 735

Capítulo 38: O livro de Jó 741
Capítulo 39: O livro dos Salmos 759
Capítulo 40: O livro de Provérbios 782
Capítulo 41: O livro de Eclesiastes 798

Capítulo 42: O livro do Cântico dos Cânticos 809
Capítulo 43: O livro de Lamentações 821

EPÍLOGO 831

Índice remissivo 835
Índice de passagens bíblicas 857
Mapas 897
Linha do tempo do Antigo Testamento 909

REDUÇÕES GRÁFICAS

AB	Anchor Bible
ABD	*Anchor Bible dictionary*
ACORN	*The American Center of Oriental Research Newsletter*
AEHL	*Encyclopedia of Archaeological Excavations in the Holy Land*
AOP	Antigo Oriente Próximo
ANET	*Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*
Ant.	*Antiguidades dos Judeus* (Josefo)
AOAT	Alter Orient und Altes Testament
AUSS	Andrews University Seminary Studies
AT	Antigo Testamento
b.	*Talmude Babilônico*
BA	*Biblical Archaeologist*
BAR	*Biblical Archaeology Review*
BASOR	*Bulletin of the American Schools of Oriental Research*
BBR	*Bulletin of Biblical Research*
BBR Sup	*Bulletin of Biblical Research Supplement*
BCOT	Baker Commentary on the Old Testament
BCOTWP	Baker Commentary on the Old Testament Wisdom and Psalms
BH	Bíblia Hebraica
BibInt	*Biblical Interpretation*
Bib	*Biblica*
BibOr	*Biblica et orientalia*
BIOSCS	*Bulletin of the International Organization for Septuagint and Cognate Studies*
BJS	Brown Judaic Studies
BR	*Biblical Research*
BRev	*Bible Review*

BSac	*Bibliotheca Sacra*
BSC	Bible Student's Commentary
BST	*Bible Speaks Today*
BTB	*Biblical Theology Bulletin*
BTS	*Bible et Terre Sainte*
BZAW	*Beihefte zur Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft*
C. Ap.	*Contra Ápion* (Josefo)
CB	*Cultura biblica*
CBC	Cambridge Bible Commentary
CBQ	*Catholic Biblical Quarterly*
CHE	*The Chronicle of Higher Education*
COS	The *Context of Scripture*
CTR	*Criswell Theological Review*
DJD	*Discoveries in the Judean Desert*
DSB	Daily Study Bible
DSBOT	Daily Study Bible: Old Testament
DOTP	*Dictionary of the Old Testament: Pentateuch*
EA	*Cartas de Amarna*
EBC	The Expositor's Bible Commentary
EQ	*Evangelical Quarterly*
EJ	*Encyclopedia Judaica*
EJT	*European Journal of Theology*
Eo	Eclesiástico
ETL	*Ephemerides theologicae Iovanienses*
EvJ	*Evangelical Journal*
ExpTim	*The Expository Times*
FM	*Faith and Mission*
FOTL	Forms of the Old Testament Literature
GJ	*Grace Journal*
GTJ	*Grace Theological Journal*
HALOT	*Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*
HAR	*Hebrew Annual Review*
heb.	hebraico
HCOT	Historical Commentary on the Old Testament
HCSB	Holman Christian Standard Bible
HOTE	Handbook of Old Testament Exegesis
HSM	Harvard Semitic Monographs

HTR	*Harvard Theological Review*
HUCA	*Hebrew Union College Annual*
ICC	International Critical Commentary
IDB	*The interpreter's dictionary of the Bible*
IDBS	*Interpreter's dictionary of the Bible supplements*
IEJ	*Israel Exploration Journal*
Int	*Interpretation*
IOSCS	International Organization for Septuagint and Cognate Studies
ISBE	*International standard Bible encyclopedia*
ISBL	Indiana Series in Biblical Literature
ITC	International Theological Commentary
JANES	*Journal of the Ancient Near Eastern Society*
JAOS	*Journal of the American Oriental Society*
JATS	*Journal of the Adventist Theological Society*
JBL	*Journal of Biblical Literature*
JBQ	*Jewish Bible Quarterly*
JBR	*Journal of Bible and Religion*
JETS	*Journal of the Evangelical Theological Society*
JNES	*Journal of Near Eastern Studies*
JPS	*Jewish Publication Society*
JPSTC	Jewish Publication Society Torah Commentary
JQR	*Jewish Quarterly Review*
JSOT	*Journal for the Study of the Old Testament*
JSOTSup	*Journal for the Study of the Old Testament: Supplement Series*
JSS	*Journal of Semitic Studies*
JTS	*Journal of Theological Studies*
JTT	*Journal of Translation and Textlinguistics*
JTVI	*Journal of the Transactions of the Victoria Institute*
KAI	*Kanaanäische und aramäische Inschriften*
LBC	Layman's Bible Commentaries
LXX	Septuaginta
MMM	Manuscritos do Mar Morto
MSJ	*Master's Seminary Journal*
NAC	New American Commentary
NACSBT	New American Commentary Studies in Bible and Theology
NCBC	New Century Bible Commentary
NBCOT	New Century Bible Commentary: Old Testament

NEA	*Near Eastern Archaeology*
NEASB	*Near East Archaeological Society Bulletin*
NET	New English Translation
NIBC	New International Biblical Commentary
NICNT	New International Commentary on the New Testament
NICOT	New International Commentary on the Old Testament
NIDOTTE	*New international dictionary of Old Testament theology and exegesis* [publicado em português por Cultura Cristã sob o título *Novo dicionário internacional de teologia e exegese do Antigo Testamento*]
NIV	New International Version
NIVAC	NIVAC Application Commentary
NRSV	New Revised Standard Version
NT	Novo Testamento
NTC	New Testament Commentary
OTL	Old Testament Library
OTS	Old Testament Studies
OTSB	Old Testament Study Bible
PTR	*Princeton Theological Review*
RB	*Revue Biblique*
RevQ	*Revue de Qumran*
RQ	*Restoration Quarterly*
RTR	*Reformed Theological Review*
SBLDS	Society of Biblical Literature Dissertation Series
SBLSP	Society of Biblical Literature Seminar Papers
SBT	Studies in Biblical Theology
SBTS	Sources for Biblical and Theological Study
SJOT	*Scandinavian Journal of the Old Testament*
SJT	*Scottish Journal of Theology*
ST	*Studia theologica*
TA	*Tel Aviv*
TB	Theologische Bücherei: Neudrucke und Berichte aus dem 20. Jahrhundert
TCC	The Communicator's Commentary
TJ	*Trinity Journal*

TLOT	*Theological lexicon of the Old Testament*, E. Jenni; C. Westermann (colaboração). Tradução para o inglês de M. E. Biddle (Peabody: Hendrickson, 1997*)*.
TM	Texto Massorético
TOTC	Tyndale Old Testament Commentary
TTZ	*Trierer theologische Zeitschrift*
TynBul	*Tyndale Bulletin*
VT	*Vetus Testamentum*
VTSup	Supplements to Vetus Testamentum
WBC	Word Biblical Commentary
WEC	Wycliffe Exegetical Commentary
WTJ	*Westminster Theological Journal*
ZAW	*Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft*
ZIBBC	Zondervan Illustrated Bible Backgrounds Commentary

PREFÁCIO

As Escrituras Hebraicas, às quais os cristãos chamam de Antigo Testamento, caíram em desprestígio ao longo do tempo. O herege Marcião (séc. 2 d.C.) estabeleceu um contraste entre o Deus inferior do Antigo Testamento e o Deus superior do Novo Testamento. A partir de Orígenes (séc. 3 d.C.), o modo predominante de interpretação ao longo da Idade Média consistiu em uma hermenêutica alegórica, que dava pouca atenção ao contexto e ao significado do texto hebraico. O Iluminismo do século 18 passou a questionar as atitudes tradicionais para com as Escrituras. No século 19, a Alta Crítica do Antigo Testamento — conforme articulada por Julius Wellhausen em sua *Hipótese Documentária* — solapou a autoria mosaica do Pentateuco. O estudo acadêmico e antissobrenaturalista das Escrituras nas universidades, agora complementado por abordagens como a da crítica feminista, solapou completamente a confiança no Antigo Testamento como Escritura inspirada e digna de confiança.

No entanto, mesmo os evangélicos que creem na inspiração das Escrituras e na inerrância dos autógrafos originais, talvez não compreendam a importância do Antigo Testamento, que responde por 80% da totalidade de suas Bíblias. Ele foi, afinal de contas, a única Bíblia de Jesus e de seus primeiros seguidores. Não se pode compreender plenamente as profecias citadas em Mateus, as epístolas de Paulo ou as alusões ao sumo sacerdócio do Cristo exaltado em Hebreus sem o conhecimento pleno do Antigo Testamento.

Foi com o objetivo de apresentar aos leitores o contexto e a interpretação do Antigo Testamento que três estudiosos de renome escreveram *O mundo e a Palavra*. Eugene H. Merrill é autor de vários livros, com destaque para *Everlasting dominion: a theology of the Old Testament* [*Teologia do Antigo Testamento*] (2006) e *Kingdom of priests* [*História de Israel no Antigo Testamento*] (2008) além de comentários sobre Deuteronômio, Ageu, Zacarias e Malaquias. Michael Grisanti é autor de um comentário sobre os Livros de Deuteronômio, Samuel e

Reis. Mark F. Rooker é autor de um comentário sobre Levítico e uma monografia sobre o hebraico de Ezequiel.

Embora sustentem posições tradicionalmente conservadoras sobre questões como a interpretação de Gênesis 1—2, a datação do Êxodo, a unidade de Isaías, a datação de Daniel, a historicidade de Jonas, eles o fazem com base em um vasto conhecimento dos antecedentes do Antigo Oriente Próximo veterotestamentário, bem como das perspectivas de críticos da Bíblia de hoje e do passado. O que há de especial nesta Introdução é a apresentação que os autores fazem de outras interpretações evangélicas alternativas dessas questões, e o modo que analisam essas perspectivas.

Sua análise do mundo histórico e cultural do Antigo Testamento, seu debate sobre a composição e canonicidade de cada livro, o levantamento que faz das abordagens interpretativas — tanto de liberais quanto de evangelicais — sua síntese do conteúdo e da teologia de cada livro e de sua importância para o Novo Testamento, levarão *O mundo e a Palavra* a se tornar o manual clássico para muitas faculdades e seminários evangélicos, além de um recurso bem-vindo para leigos interessados no Antigo Testamento.

Edwin Yamauchi
Professor Emérito de História da Miami University

AGRADECIMENTOS

Como autores de uma obra tão volumosa e trabalhosa como esta, sabemos perfeitamente que jamais poderíamos tê-la realizado sem o trabalho e a atenção incansáveis de muitos outros, cujos nomes basicamente não aparecem neste livro. São eles, entre outros, Bill Barrick, professor de Antigo Testamento, e Anna Kroll, bibliotecária especializada, do Masters Seminary, Daniel Akin, Ken Keathley e a diretoria do Southeastern Baptist Theological Seminary, cuja generosa política de conceder um período sabático ao corpo docente tornou possível disponibilizar o tempo necessário para um projeto dessa envergadura; e o corpo docente, a administração e os estudantes do Dallas Theological Seminary, cujo apoio e entusiasmo à medida que tanto professores quanto aprendizes proporcionaram o ímpeto para que deflagrássemos este projeto e o levássemos à sua conclusão. Agradecemos especialmente, entre outros, à dra. Liling Hou e Jeffrey Niles, que prepararam centenas de slides de powerpoint. Agradecemos também às nossas famílias que suportaram pacientemente o tempo dedicado a esta obra e não a elas, e a Ray Clendenen, Jim Baird, Dean Richardson e a toda a equipe editorial da editora B&H pela ideia desta obra e pela prioridade que lhe conferiram em meio a um cronograma frenético de publicações.

Eugene H. Merrill, Dallas Theological Seminary
Mark F. Rooker, Southeastern Baptist Theological Seminary
Michael A. Grisanti, The Masters Seminary

LISTA DE TABELAS E FIGURAS

1.1 Reis da dinastia acadiana 48
1.2 Principais eras da história egípcia 49
1.3 Principais faraós da Dinastia 12 52
1.4 Faraós da Dinastia 18 56
1.5 Faraós da Dinastia 19 58
1.6 Reis hititas do novo império 60
1.7 Reis do novo império assírio 64
1.8 Reis de Israel e de Judá 69
1.9 Reis do novo império babilônico 71
1.10 Reis do império persa 72
4.1 O processo de escrituração 139
4.2 O ponto divisor entre a atualização textual inspirada e a transmissão textual não inspirada 140
5.1 Cânon judaico (massorético) 166
5.2 Cânon da Septuaginta (alexandrino) 167
5.3 Cânon ortodoxo grego 168
5.4 Cânon católico romano 169
5.5 Cânon anglo-protestante 170
8.1 Estado atual dos estudos do Antigo Testamento 236
9.1 Comparação do *Enuma Elish* com o relato da criação de Gênesis 274
9.2 Três principais perspectivas sobre a criação do universo 277
10.1 Distribuição das fontes JEDP no Pentateuco 294
11.1 Relação entre santidade e pureza 343
11.2 Sistema sacrificial mosaico 349

11.3 O calendário judeu 350
12.1 Cronologia da viagem de Israel desde o Egito a Canaã 358
12.2 A organização das doze tribos em torno do tabernáculo 362
13.1 Forma clássica da hipótese documentária 385
13.2 Modelo de tratado hitita entre suserano e vassalo 392

INTRODUÇÃO

Eugene H. Merrill

DEFINIÇÃO DE TERMOS

A matriz curricular de praticamente todos os seminários e instituições com cursos de pós-graduação em religião/teologia incluem matérias sobre temas como "Introdução ao Antigo Testamento" (ou "Crítica do AT"), "Introdução ao Novo Testamento" (ou "Crítica do NT") e outras parecidas. São poucos, porém, os alunos novatos que compreendem as várias nuanças desses termos. Geralmente, o pressuposto é que a "introdução" se refira essencialmente ao estudo do conteúdo bíblico e "crítica" refira-se a uma avaliação da natureza da Bíblia, que é geralmente negativa, quando não destrutiva. Contudo, de acordo com seu uso nos estudos acadêmicos da Bíblia, os termos "introdução" e "crítica" têm significados muito diferentes dos que se supõem que tenham ou, no mínimo, são mais complexos. Embora usados de forma intercambiável por alguns especialistas — e com alguma razão — não se deve entender os termos como se fossem sinônimos; antes, é preciso vê-los como símbolos que sugerem diferentes ênfases. Convém analisar essas definições conforme a etimologia e o uso consagrado as entendem.

Pode-se definir "introdução" como "parte de um livro ou tratado preliminar à parte principal" ou (o que é mais pertinente ao nosso tema) "um tratado preliminar ou programa de estudo".[1] Em outras palavras, uma introdução à Bíblia consiste em um trabalho preliminar ao estudo da Bíblia propriamente dito. De acordo com sua etimologia latina (*introducere*), seu propósito é o de

[1] *Webster's eleventh new collegiate dictionary* (Springfield: Merriam-Webster, 2004), p. 657.

"conduzir (*ducere*) para dentro (*intro*)", isto é, conduzir o estudante de uma posição externa à Bíblia para uma dentro dela. O fim desejado consiste em levar o leitor, depois de ser introduzido à Bíblia, a sentir-se à vontade com ela e tendo uma relação cordial com ela.

Portanto, a "introdução" tem por objetivo a familiaridade e a compreensão, e não tanto a avaliação. Esta última é campo mais afeito à crítica, "a arte de avaliar ou de analisar obras literárias ou de arte".[2] Uma definição menos tendenciosa, mais em sintonia com o uso tradicional dos estudos eruditos da Bíblia, e que é praticamente um sinônimo de "introdução", é "a investigação científica de documentos literários (como a Bíblia) no tocante a questões como origem, texto, composição ou história".[3]

"Crítica", portanto, é um termo inerentemente neutro, mas em virtude de sua associação a mais de trezentos anos de uma avaliação essencialmente negativa dos escritos bíblicos, o termo ganhou carga pejorativa nos círculos conservadores e, via de regra, costuma-se evitá-lo como termo para se descrever adequadamente o assunto deste livro de modo geral. De fato, as obras a esse respeito, mesmo as de fora dos círculos conservadores, são agora descritas universalmente como este termo.

Os estudiosos têm opiniões diferentes acerca da natureza do que chamamos aqui de "introdução". Seguem alguns exemplos que revelam o amplo espectro do que se entende por "introdução".

Em uma declaração que não teve por objetivo definir introdução como um gênero propriamente dito, Brevard S. Childs apresenta uma descrição sucinta de sua própria obra como uma obra que "procura descrever a forma e a função da Bíblia Hebraica em seu papel de escritura sagrada para Israel".[4] S. R. Driver, ao explicar a importância do título de seu livro, *An introduction to the literature of the Old Testament* [Uma introdução à literatura do Antigo Testamento], afirma que ele "tinha em mente um relato do conteúdo e da estrutura de várias obras, bem como [...] uma indicação de seu caráter e propósito gerais".[5] Otto Eissfeldt afirma que embora houvesse um tempo em que "introdução" podia ser qualquer coisa necessária ou desejável para a compreensão do Antigo Testamento, na sua época (1965), o termo havia "se restringido a áreas que

[2]Ibidem, p. 297.
[3]Ibidem.
[4]B. S. Childs, *Introduction to the Old Testament as Scripture* (Philadelphia: Fortress, 1979), p. 16.
[5]S. R. Driver, *An introduction to the literature of the Old Testament* (1897; reimpr.: Cleveland: World, 1956), p. iii.

lidavam com três questões: a origem de cada um dos livros, o crescimento do cânon e a história do texto". Destes, o primeiro "sem dúvida alguma ocupa mais espaço".[6]

Horace Hummel propõe que "introdução" ocupe uma espécie de posição *intermediária entre* a pesquisa e a exegese bíblica".[7] Ele declara que "um entendimento equivocado a esta altura seria drasticamente minimizado se trouxéssemos novamente à tona um termo mais técnico, 'isagogia'", uma palavra que "diz respeito sobretudo a questões relacionadas à data, autoria, ocasião e propósito da escrita".[8] J. Alberto Soggin propõe a seguinte definição: "Podemos chamar essa disciplina de Introdução ao Antigo Testamento, cujo propósito é o de apresentar, sempre que possível, as informações necessárias para identificar os autores de um texto, seu gênero literário, o meio de onde saiu etc., tornando-o compreensível no contexto dos acontecimentos e dos problemas que lhe deram forma".[9] Em sintonia com as tendências mais modernas, Walter Brueggemann define introdução como "um estudo da *literatura* do AT e uma análise de suas declarações *teológicas*".[10] E. J. Young, um especialista conservador notável da geração passada, define introdução como "aquela ciência ou disciplina que lida com certos assuntos preliminares ao estudo e à interpretação dos conteúdos da Bíblia".[11] Esta última definição se encaixa melhor com a etimologia do termo em português e com o objetivo desta obra.

Embora para alguns o termo "crítica" seja sinônimo de certas abordagens destrutivas ao AT e, portanto, inadequadas como sinônimo de "introdução", não se pode e não se deve evitá-lo como meio legítimo e evangelicamente apropriado de compreender vários aspectos da introdução. Cada tipo de crítica deve ser julgado segundo seus méritos. Portanto, se a crítica clássica das "fontes" for considerada inválida (por motivos que serão debatidos adiante), outras críticas como a da forma, editorial, retórica e "nova crítica literária" serão consideradas não apenas frequentemente toleráveis, como também decididamente essenciais para uma avaliação correta do propósito e da mensagem do AT. Longe, portanto, de resistir ao termo "crítica", esta introdução tentará mostrar como uma crítica

[6] O. Eissfeldt, *The Old Testament: an introduction,* trad. para o inglês de Peter R. Ackroyd (New York: Harper & Row, 1965), p. 3.

[7] H. Hummel, *The Word becoming flesh* (St. Louis: Concordia, 1979), p. 11 (grifo do autor da citação).

[8] Ibidem.

[9] J. A. Soggin, *Introduction to the Old Testament* (Philadelphia: Westminster, 1980), p. 5.

[10] W. Brueggemann, *An introduction to the Old Testament* (Louisville: WJK, 2003), p. 3 (grifo do autor da citação).

[11] E. J. Young, *An introduction to the Old Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1958), p. 17.

sólida e "sagrada" é importante à tarefa de proporcionar uma introdução às Escrituras do AT.

O QUE UMA INTRODUÇÃO AO ANTIGO TESTAMENTO ABORDA

Muitas das definições de "introdução" na seção anterior apresentam tópicos encontrados em manuais clássicos como antecedentes bíblicos; contexto, autoria e datação dos livros individuais; cânon; crítica textual e assim por diante. Recentemente, ganharam destaque outros tipos de análise literária, desde a crítica literária clássica, passando pela crítica retórica até as teorias modernas da crítica social-científica, estruturalismo, crítica narrativa, hermenêutica de resposta do leitor e crítica feminista e socioeconômica.[12] Alguns especialistas desses novos métodos se aproximaram de sua tarefa com uma ampla gama de esquemas ideológicos ou teológicos a partir dos quais, ou em contraposição a eles, analisam as informações bíblicas. Brevard Childs, com sua crítica "canônica", é um caso notável aqui. Outra estratégia (muito mais idiossincrática) é a de Richard E. Friedman. Em seu livro, *Who wrote the Bible?* [Quem escreveu a Bíblia?], ele responde à pergunta sugerindo que, em última análise, foi Esdras, uma solução que ele apresenta para explicar a Bíblia como uma "história contínua".[13] De modo geral, não apenas o assunto da introdução, como também a forma que ela assume e a maneira pela qual interpreta o texto bíblico, será ditada em grande medida pelos pressupostos de que lançarão mão os estudiosos que se incumbirão dela. Portanto, o crítico que enxerga no AT apenas uma peça de literatura religiosa do Antigo Oriente Próximo (AOP) chegará a certas conclusões previsíveis acerca da natureza do material, ao passo que o proponente de uma posição mais tradicional o verá à luz de uma perspectiva totalmente diferente. Ambos dirão que estão sendo objetivos, porém as mesmas informações interpretadas mediante premissas diferentes resultarão inevitavelmente em conclusões diferentes ou mesmo no que deve ser ou não incluído em um livro de introdução. Uma rápida olhada no sumário dos livros sobre o assunto sob o espectro confessional certamente confirmará esta observação.

Apesar do contexto heterogêneo há pouco debatido, costuma-se ainda apontar a diferença entre a chamada "alta" e a "baixa" crítica e entre introdução "geral" e "especial". No caso dessa última distinção, a preocupação aqui

[12]S. L. McKenzie; S. R. Haynes, orgs., *To each its own meaning*, ed. rev. (Louisville: WJK, 1999).
[13]R. E. Friedman, *Who wrote the Bible?* (New York: Summit, 1987), p. 242.

é com as questões que influenciam todo o AT — cânon, texto, a variedade de abordagens literário-críticas etc. — em oposição àquelas que dizem respeito aos livros ou à coleção de livros — autoria, data, origem, conteúdo etc. Em um nível prático, essa é uma forma consagrada e sadia de lidar com o assunto de maneira saudável, e, de fato, indispensável.

Com relação à "alta" *versus* a "baixa" crítica, seria melhor que essa terminologia tendenciosa fosse substituída por algo como crítica "literária" e não crítica "textual". Por outro lado, o termo "alta" ajuda a fazer distinção entre a tarefa relativamente subjetiva de procurar reconstruir processos de origem, transmissão, edição e formação dos textos bíblicos (com base, por vezes, em pouca ou nenhuma evidência objetiva), e a integração comparativamente científica de informações de manuscritos e versões às quais se têm acesso e, que, portanto, podem ser analisadas e sintetizadas de modo mais objetivo.

Além disso, o termo "literária" também enfrenta tempos difíceis em virtude de sua associação com críticas mais antigas — hoje em grande medida abandonadas — como a hipótese documentária, conhecida também como "crítica literária". Portanto, muitos estudiosos optam por outra forma de descrição que não seja "literária", preferindo em vez disso "nova crítica literária", uma expressão desajeitada, "crítica retórica", de conotação muito limitada e/ou de entendimento equivocado, ou para citar Childs novamente, "crítica canônica", uma expressão que remete a uma pauta especial.

Em decorrência dessa terminologia enigmática, a presente obra procurará evitar termos capciosos e, talvez em razão de falta de alternativa, lidará apenas com a crítica textual, por um lado, e com "tudo o mais", por outro.

JUSTIFICATIVA PARA O GÊNERO "INTRODUÇÃO AO ANTIGO TESTAMENTO"

Autores são sempre obrigados a justificar suas obras. No decorrer dos séculos, as introduções ao AT foram escritas para atender a uma série de necessidades reais ou percebidas, algumas das quais são francamente óbvias e recomendáveis, ao passo que outras, mais sutis. A presente obra trata, a propósito, da maior parte dos tópicos tradicionais associados ao gênero, mas procura também de forma consciente atender a três outras questões mais específicas: (1) o pouco apreço pelo AT na vida contemporânea, inclusive na vida da igreja; (2) a importância do AT como revelação de Deus com importância permanente para o mundo contemporâneo; e (3) as dificuldades presentes no AT, ou próprias dele que, com frequência, exacerbam esses dois outros problemas.